



CAVALGADA

Cavalgando entre dunas e praias



Praia de Jacumã

Fotos: Claudia Werner



Claudia Werner, paulistana de nascimento e moradora em Campinas (SP) há 20 anos, é formada em Comunicação Visual e Artes Plásticas pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado). Atualmente dirige o projeto agroindustrial Macadâmia Brasilis, sediado em Itapira (SP). Apaixonada por cavalos, monta desde criança e, há sete anos, tem seus próprios Mangalargas. Já participou de cavalgadas no estado de São Paulo e sul de Minas mas nesta edição da Cavalos conta a primeira vez que cavalgou conciliando praia e Mata Atlântica. Ela garante: "que praias!"

Desembarquei no aeroporto de Natal (RN), por incrível que pareça, dentro do horário, nesses dias tumultuados de véspera de 07 de setembro. O trajeto de 63 km entre o aeroporto e Tibau do Sul, onde fica a praia da Pipa, durou 50 minutos que passaram bem rápido, quer pela falta de trânsito quer pelo verde intenso das matas, pastos e canaviais.

A minha ansiedade era grande em conhecer o resto do grupo que eu conviveria nos próximos quatro dias da cavalgada organizada pela agência Cavalgadas Brasil e também, como sempre, em ver, sentir e montar os cavalos que nos guiarão nesta aventura.

A chegada ao hotel foi uma surpresa, pois o mesmo fica na entrada de um braço de mar que de frente se avistam belas dunas de areia branquinha. Foi uma noite super agradável onde o grupo, formado por seis pernambucanos (cinco homens e uma mulher), um mineiro, o proprietário do Haras Água Boa e eu, junto com a equipe do Haras, degustamos um delicioso jantar entre vinhos e aperitivos e, ló-

gico, trocando idéias e experiências de cavalgadas anteriores.

Primeiro dia

Acordamos bem cedo, ao raiar do dia, e depois do café da manhã percorremos em uma Van os 90 km que separavam o Haras Água Boa da praia de Pitimbul, na Paraíba. Os caminhões vindos com os cavalos do Recife, juntamente com o pessoal do Haras, nos encontraram num cruzamento da BR 101 de onde fomos à praia de Pitimbul para iniciar nossa cavalgada de três dias. A ameaça de tromba d'água era constante mas nesse dia não deu para se molhar.

Eram todos cavalos Mangalargas de marcha picada. Esta marcha nada mais é do que um andamento um pouco lateralizado, em tríplice apoio e em quatro tempos; ou seja, o animal quando em marcha, por exemplo, coloca o pé direito primeiro no solo para logo em seguida colocar a mão também direita e logo após e quase que simultaneamente coloca o pé esquerdo para em seguida colocar a mão esquerda





(daí os quatro tempos) e tudo isso com três membros apoiados no chão e um só alçado (daí o tríplice apoio). Desta forma, a transmissão do impacto do cavalo ao cavaleiro é mínima pois a região dorso lombar do animal permanece quase que imóvel todo o tempo, resultando num andamento cômodo e macio, bastante adequado para cavalgadas em longa distância.

Eles eram realmente muito dóceis já que, dentre os 120 animais do haras, foram selecionados nossos 11, sendo oito do grupo e três de nossos guias. Eles, tanto quanto nós, mostravam-se ansiosos em partir e assim, finalmente saímos para percorrer os primeiros 50 km no sentido Norte, rumo a João Pessoa (PB), dos quais nove em trilhas de Mata Atlântica, até chegar ao mar.

O almoço se deu na praia de Jacumã, regado a peixada, camarão e pirão. Após o almoço, montamos de novo para chegarmos em João Pessoa no começo da noite, depois de nove horas cavalgando, por lindas praias desertas, e um mar verde mostrando um por de sol de tirar o fôlego. A temperatura nessa época do ano é muito amena, não passa dos 24°C durante o dia e as noites são regadas por uma deliciosa brisa.

Nossas montarias seguiram para um haras a cerca de três km da praia principal da cidade e nós ficamos ainda degustando iscas de peixe e camarão à beira-mar.



Praia do Sagi

Segundo dia

Saímos de João Pessoa logo cedo, abastecidos depois de um bom café da manhã. Garoava um pouco mas logo passou e nossas capas já não se faziam necessárias. Nosso destino: Barra de Camaratuba, o nosso primeiro e rápido bate sela (é como eles chamam lá as pequenas paradas). Após cruzarmos o rio Miriri montados, alcançamos logo a seguir a barra do rio Mamanguape, o qual tivemos que atravessar junto com os cavalos numa balsa. Ponto para os cavalos, que com sua completa indiferença e tranqüilidade, nos relaxaram da inusitada

situação de termos de atravessar um largo rio segurando nossas montarias em cima de um barco a motor. Desembarcamos na praia do Coqueirinho logo após percorrermos mais ou menos uns 26 km. Finalmente paramos para um ótimo almoço à beira-mar, na linda praia de Coqueirinho.

Depois do almoço começamos a cavalgar agora em sentido ao interior, mas nem por isso a paisagem deixou de ficar menos bonita ou menos interessante, afinal já estávamos cavalgando há um dia e meio à beira-mar e o que víamos agora era uma espécie de pantanal formado pela barra do rio Camaratuba (daí o nome da praia) com áreas alagadas e matas ciliares cheias de pássaros e animais de um lado e do outro coqueirais, pastos e fazendas de gado e aqui e acolá resquícios de uma exuberante Mata Atlântica.

Ao fim da tarde, pouco mais de 40 km percorridos durante todo o dia, por fim chegamos à praia de Guajú, minúscula vila de pescadores onde o turismo e o progresso ainda estão por chegar, e último povoado antes da divisa dos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte.

Logo e quase sem sentir percorremos os 20 e poucos quilômetros que nos separavam de Mataraca, cidade "grande" de uns 4.000 habitantes e nosso destino final nesse segundo dia de cavalgada. Neste ponto vale salientar a satisfação que todos nós nos encontrávamos com a qualidade da montada e da disposição dos cavalos, sem exceção.

Lá em Mataraca nos esperavam os carros de apoio e o caminhão dos cavalos, pois



Praia Bela



CAVALGADA

nesse ponto retornamos ao Hotel Marinas, onde iríamos pernoitar, para logo no outro dia bem cedo iniciarmos o nosso terceiro dia de cavalgada.

Terceiro dia

O café da manhã foi reparador e logo após os animais, equipamentos e tralhas devidamente checados montamos, ávidos por mais um dia de novidades. As montarias foram substituídas e fomos curiosos em conduzir nossos novos cavalos. Após a travessia do rio Guajú, e sempre à beira-mar, enfim adentramos no Rio Grande do Norte onde, depois de percorrermos uns 15 km por lindas praias desertas, alcançamos a lindíssima praia de Sagi, onde uma parada para um caldo de caranguejo e deliciosos pastéis de camarão não podiam deixar de serem degustados.

O sentido da cavalgada agora era o norte e desfrutamos de uma boa dezena de quilômetros em praias paradisíacas, com nomes igualmente raros como Malembá, Barretas e Camurupim, emolduradas por grandes dunas, o que lhes dava um aspecto imponente e diferente. Nesse trecho da praia de Baía Formosa imensos cata-ventos dispontam na paisagem deserta, uma ferramenta que o homem ali plantou para aproveitar o que a natureza lhe oferece.

Logo adiante, alcançamos a Lagoa da Coca-Cola, assim chamada pela cor da sua água. Conjunto interessante formado por sete lagoas há poucos quilômetros da praia, lagoas estas, eqüidistantes umas das outras, divididas por matas e onde as trilhas que tivemos de percorrer uns atrás dos outros facilitando a passagem para os cavalos e para os cavaleiros. A paisagem, de repente, parecia agreste e ao mesmo tempo estávamos a poucos quilômetros do mar.

O sol já se punha quando alcançamos a Barra de Camaú, de novo na praia, onde iríamos fazer a última travessia de balsa para chegarmos a Sibaúba. Em Sibaúba, pequeno vilarejo de pescadores, nos esperavam os caminhões de apoio que iriam levar os cavalos e demais tralhas de volta ao haras.

Terminava ali uma aventura inédita onde desconhecidos que éramos, dias antes, ceravam-se amizades para futuras cavalgadas.

Mais informações sobre outros roteiros da empresa Cavalgadas Brasil: www.cavalgadasbrasil.com.br



Baía Formosa



Cabo do Bacopari



Barra de Tabatinga

